

Revisitando a noção de gírias: do conceito à dicionarização

Flavio Biasutti Valadares*

Resumo: O artigo apresenta conceitos acerca de gírias; expõe a visão de alguns teóricos que tratam da variação e mudança linguística; discute alguns aspectos relacionados à compreensão das gírias como dialeto sociocultural; exemplifica algumas gírias já dicionarizadas; conclui que as gírias, assim como qualquer variação em uma língua, desempenham importante papel para a renovação de seu léxico.

Palavras-chave: Linguagem e sociedade; variação e mudança linguística; gíria.

Abstract: This article introduces concepts dealing with slang; it presents the claims of theorists who are concerned about variation and linguistic change; it discusses aspects related to the understanding of slang terms as sociocultural variation, exemplifying some slang terms which have already been presented in dictionaries; the conclusion reports on, just as any other variation in a language, slangs exercise an important role in the renovation of its lexicon.

Keywords: Language and society; variation and linguistic change; slang.

Considerações iniciais

Segundo Camacho (2003), a partir da década de 60, é que os estudos sociolinguísticos passam a se preocupar em fornecer evidência da heterogeneidade inerente da linguagem e de demonstrar que a ocorrência de variação é sistemática, regular e ordenada. Ele também salienta que, até o início da sociolinguística moderna, predominaram paradigmas teóricos que adotaram o axioma da categoricidade. Na visão de Weinreich, Labov e Herzog (2006), a heterogeneidade não é apenas comum, é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais, sendo que a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional.

Para Mattos e Silva (2002), o grande avanço da sociolinguística está fundado no conceito de língua que emprega, ou seja, sistema intrinsecamente heterogêneo, em que se entrecruzam e são correlacionáveis fatores intra e extralinguísticos. Outro ponto valorizado por ela refere-se à rigorosa metodologia para dar conta da variação sincrônica das línguas. A autora acrescenta que,

através de sua metodologia matematicamente quantificada, com os recursos da moderna tecnologia informatizada, a objetividade da sociolinguística permite definir um fato em variação, como variável estável na comunidade, ou como mudança em início de implementação ou mudança em fase de

* Mestre em Letras: Estudos da Linguagem/PUC-Rio. Doutorando em Língua Portuguesa/PUC-SP (Bolsista CAPES).

conclusão, ou como um estereótipo linguístico que pode se tornar um fato em mudança. (MATTOS E SILVA, 2002, p. 300)

Alkmin (2001, p. 31) afirma que

o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. (ALKMIN, 2001, p. 31)

Conforme Mollica (2003, p. 9), a Sociolinguística é “uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. A autora ressalta que “a Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”; além disso, ela explicita que a variação linguística pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes e que essas variantes são “diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente”. (MOLLICA, 2003, p. 11)

Nessa perspectiva, em relação às gírias, é importante citarmos que, para Labov (2008), há uma dificuldade bastante acentuada em se delimitar o que é um grupo sociolinguístico, isto é, determinar o que constitui efetivamente uma comunidade de fala. O linguista também salienta que o termo *comunidade de fala* não pode ser aplicado a um grupo de falantes em que todos utilizam as mesmas formas, mas sim, a um grupo que segue as mesmas normas relativas ao uso da língua.

Desse modo, para obtermos uma melhor compreensão do conceito de gírias e de seu uso pelos falantes, as noções de dialeto e de variação também devem ser observadas. Na concepção de Monteiro (2000, p. 46), dialeto é “uma variedade subordinada a uma dada língua, que assim seria entendida como a soma de vários dialetos”; no entanto, o autor afirma que “delimitar, determinar, definir uma comunidade de falantes e seu dialeto não é tão

simples, já que corre-se o risco de considerar muito mais os fatores sociais que os linguísticos”.

Monteiro (2000, p. 65) também aponta o fato de que “um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem” e reforça que uma variação linguística pressupõe valor social, ou seja, variantes empregadas por falantes de estratos mais baixos da população em grande parte são estigmatizadas; todavia, à proporção que a variante passa a ser usada por grupos, o estigma vai diminuindo até deixar de existir completamente, se aceita pela classe dominante.

Apresentação teórico-conceitual

Nos termos de Preti (1984), o aparecimento da gíria como um fenômeno restrito é decorrente da dinâmica social e linguística inerente às línguas. Ainda é destacado pelo autor que ela é caracterizada como um vocabulário especial, sendo considerada um signo de grupo, a princípio secreto, de domínio exclusivo de uma comunidade social restrita. O linguista ressalta que, quanto maior for o sentimento de união que liga os membros do pequeno grupo, tanto mais a linguagem gíria servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de autoafirmação.

Preti (2006, p. 242) afirma que

... quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. Mas, por outro lado, historicamente, são os mesmos motivos de preservação e segurança que fizeram com que comerciantes ambulantes, mascates, na Idade Média, criassem seus próprios códigos secretos de identificação. E essa gíria da marginalidade e do comércio se mistura também à de um povo surgido na Índia, historicamente discriminado, os ciganos, que, com sua vida nômade, espalharam seu vocabulário em várias áreas da Europa e, posteriormente, da América. (PRETI, 2006, p. 242)

No dicionário Houaiss (2001, p. 1453), gíria, em sua primeira acepção, significa “uma linguagem informal caracterizada por um vocabulário rico em idiomatismos¹ metafóricos, jocosos, elípticos, ágeis e mais efêmeros que os da língua tradicional”. O dicionário Aurélio

¹ Idiomatismo, conforme o dicionário Houaiss, é o traço ou construção peculiar a uma determinada língua, que não se encontra na maioria dos outros idiomas.

(1999, p. 989) a traz, em sua primeira acepção, como “linguagem de malfeitores, malandros etc., com a qual procuram não ser entendidos pelas outras pessoas”. Destacamos que o Houaiss só apresenta o conceito de gíria como linguagem de malfeitores em sua terceira acepção; diferentemente do Aurélio, que a coloca como primeira acepção e só apresenta a ideia de gíria como dialeto social, sem uma conotação pejorativa, em sua terceira acepção.

Paralelo aos dicionários comuns, há o que os dicionários de linguística apresentam. Dubois (1973, p. 308), por exemplo, conceitua gíria como “um dialeto social reduzido ao léxico, de caráter parasita², empregado numa determinada camada da sociedade que se põe em oposição às outras”. Ainda traz que ela tem por finalidade só ser compreendida por iniciados ou mostrar que eles pertencem a um determinado grupo.

Para Mattoso Câmara Jr (1986, p. 127-8), a gíria “coexiste ao lado dos vocábulos comuns da língua”. Ainda para o linguista, “há gírias em classes não só populares, mas também cultas, sem qualquer intenção de chiste e petulância, mas em todas existe uma atitude estilística”. Ele também destaca que, em sentido *lato*, ela é “o conjunto de termos que, provenientes das diversas gírias em sentido estrito, se generalizam e assinalam o estilo na linguagem coloquial popular”.

Trask (2004, p. 124), em seu Dicionário de Linguagem e Linguística, assinala que a gíria é “uma forma linguística informal e frequentemente efêmera”. Além disso, é exposto pelo autor que “as expressões de gíria costumam ser introduzidas por membros de um grupo social particular; podem continuar sendo típicas desse grupo e servir como uma de suas marcas de identidade ou, ao contrário, tornar-se mais amplamente conhecidas e usadas”. Outro aspecto importante abordado por Trask (2004, p. 125) é que a gíria “tem sido descrita como *língua em estado de jogo*, isto é, as melhores gírias são pitorescas, exuberantes, espirituosas e fáceis de lembrar”.

É interessante salientarmos que muitas pessoas confundem o conceito global de gíria com regionalismos, jargões, coloquialismos entre outros. Isso provoca uma generalização deste conceito, ocasionando certa confusão nos usuários da língua. Entretanto, conforme observado nos verbetes dos dicionários, as gírias são espécies de “códigos secretos” para um determinado grupo manter interações. Nesse sentido, há uma grande diferença entre gírias e

² Parasita é colocado no sentido de que a gíria não faz outra coisa a não ser desdobrar, com valores afetivos diferentes, um vocabulário já existente.

regionalismos, por exemplo, uma vez que estes estão demarcados por regiões linguístico-geográficas e aquelas não. Travaglia (2003, p. 45) afirma que “na variação de natureza social, há inúmeras superposições e matizes, o que torna os dialetos sociais mais difíceis de definir e classificar que os dialetos regionais”. Evidentemente, uma gíria pode também ser um regionalismo, não há impedimento; contudo, os sentidos construídos e os objetivos do seu uso, com certeza, serão diferentes.

Nessa perspectiva, a mídia, em especial a televisão, por meio das novelas, dissemina muitas gírias, tornando-as não mais veladas, específicas daquele grupo social determinado a que aqueles personagens pertencem. Isso se apresenta como um dos fatores da generalização do conceito global de gíria, já que o grupo fechado, representado na telenovela, foi exposto e deixou de constituir um grupo restrito no qual apenas quem dele faça parte interage com aquele vocabulário. Preti (2006, p. 248) considera que “a atenuação do preconceito contra os vocábulos gírios, em nossa época, deve-se mais diretamente ao seu largo uso na mídia jornalística ou nos escritores modernos”. O linguista também afirma que “ao vulgarizar-se para a grande comunidade assumindo a forma de uma gíria comum, de uso geral e não diferenciado, a gíria perde-se dentro dos amplos limites de um dialeto social popular, deixando de ser signo grupal”. (PRETI, 1984, p. 3)

Além disso, Preti (2006, p. 248) explica que “a gíria se incorporou a algumas variedades de registros e dialetos sociais, podendo-se, hoje, à luz das teorias, justificá-la plenamente, até na conversação e nos escritos de falantes cultos”. Com isso, observamos uma espécie de “redimensionamento” do conceito de gírias, de seu uso e de sua aceitação. Nas palavras de Preti (2006, p. 248), “sua crescente aceitação dentro da cultura de massa e seu ingresso na norma linguística da mídia, nos casos de vocábulos que já perderam sua significação secreta de grupo, misturando-se à linguagem comum, favoreceu decisivamente a atenuação do preconceito”.

Nesse ponto, Terra (1997) relata que as gírias nascidas em um determinado grupo social podem expandir-se para outros grupos, ou até mesmo para a linguagem coloquial de todas as camadas sociais, por meio do processo denominado transferência³. Nesse caso, poderíamos até sugerir uma classificação de gírias em fechadas e abertas, estas utilizadas

³ Transferência é utilizada como a migração da variação de um grupo de usuários para outro grupo, em qualquer nível dialetal.

indistintamente por qualquer grupo social, com sua construção de sentido generalizada, aquelas mantendo-se como uma linguagem cifrada.

É válido, pois, expormos algumas noções teóricas da variação e mudança linguística a fim de demonstrarmos que as gírias são formas de variação da língua e que podem ser estudadas e analisadas como fenômeno linguístico, configurando-se muitos de seus usos, reiterando os termos de Mattos e Silva (2002), como passíveis de mudança linguística em início de implementação ou em fase de conclusão, ou mesmo como um estereótipo linguístico que pode se tornar um fato em mudança. Mollica (2003) considera que a abordagem da Teoria da Variação e Mudança Linguística instrumentaliza a análise sociolinguística, observando que “esta linha é adotada em função de ser considerada teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição da língua em uso numa perspectiva sociolinguística”. (MOLLICA, 2003, p. 11)

Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam um esboço dos problemas para os quais uma teoria da mudança deve fornecer respostas:

- a) fatores condicionantes (mudanças e condicionantes possíveis); b) transição (os estágios intervenientes entre dois estados da língua); c) encaixamento (o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social); d) avaliação (os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua); e) implementação (razões para mudanças ocorrerem em certa língua numa dada época). (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 17)

Labov (2008) demonstrou que a mudança linguística não pode ser compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, uma vez que pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua, ou seja, a explicação da mudança linguística, em suas palavras, “parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística.” (LABOV, 2008, p. 19)

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 13), “a mudança estrutural não afeta a estruturalidade da língua, isto é, a língua continua estruturada enquanto vão ocorrendo as mudanças, ou seja, se uma língua tem de ser estruturada para funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto a estrutura muda?”. A mudança, para os autores, é entendida como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas e se dá “(1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em

contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta.” (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p. 122)

Labov (2008) aponta que, “para o estudo empírico das mudanças em progresso, a tarefa pode ser subdividida em três problemas distintos”. São eles, na visão do autor,

1) o problema da transição é encontrar o caminho pelo qual o estágio de uma mudança linguística evoluiu a partir de um estágio anterior. [...] Assim, são aspectos do problema de transição questões sobre a regularidade da mudança sonora, sobre a influência gramatical na mudança sonora, sobre ‘cadeias que avançam’ versus ‘cadeias que retrocedem’, sobre movimento constante versus alterações súbitas e descontínuas; 2) o problema do encaixamento é encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo. O principal caminho para a solução está na descoberta das correlações entre elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não-linguístico de comportamento social. As correlações se estabelecem por provas sólidas de variação concomitante, ou seja, mostrando-se que uma pequena mudança na variável independente é regularmente acompanhada por uma mudança da variável linguística numa direção previsível; 3) o problema da avaliação é encontrar os correlatos subjetivos (ou latentes) das mudanças objetivas (ou manifestas) que foram observadas. A abordagem indireta deste problema correlaciona as atitudes e aspirações gerais dos informantes com seu comportamento linguístico. A abordagem mais direta é medir as reações subjetivas inconscientes dos informantes aos valores da própria variável linguística. (LABOV, 2008, p. 193)

Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 96-7), os sistemas coexistentes podem ser conhecidos como “estilos, mas também como padrões, gírias, jargões, jeito antigo de falar (*old talk*), níveis culturais ou variedades funcionais”. Eles compartilhariam as seguintes propriedades:

1) oferecem meios alternativos de dizer “a mesma coisa”, ou seja, para cada enunciado em A existe um enunciado em B que oferece a mesma informação referencial (é sinônimo) e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de B em contraste com A; 2) estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em A e B com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu status social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em A e B e entender a significação da escolha de A ou B por algum outro falante. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 97)

Os autores afirmam também que

uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística, de outro modo, se estará simplesmente escancarando a porta para regras em que ‘frequentemente’, ‘ocasionalmente’ ou ‘às vezes’ se aplicam. A evidência quantitativa para a co-variação entre a variável em questão e algum outro elemento linguístico ou extralinguístico oferece uma condição necessária para admitir tal unidade estrutural. A co-variação pode ser oposta à co-ocorrência estrita, ou a co-ocorrência pode ser concebida como o caso-limite da co-variação. Provas das relações de co-ocorrência estrita podem emergir, de fato, de uma investigação quantitativa do tipo que oferece provas de co-variação [...] o sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que co-variam mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário, normalmente se esperaria encontrar íntima co-variação entre as variáveis linguísticas. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 107)

Labov (2008) propõe um esquema abstrato para explicar a difusão e propagação de uma mudança linguística específica:

1) um traço linguístico usado por um grupo A é marcado por contraste com outro dialeto-padrão; 2) o grupo A é adotado como grupo de referência por um grupo B, e o traço é adotado e exagerado como um sinal de identidade social em reação a pressões de forças externas; 3) a hipercorreção sob pressão crescente, em combinação com a força da simetria estrutural, leva a uma generalização do traço em outras unidades linguísticas do grupo B; 4) uma nova norma se estabelece à medida que o processo de generalização se estabiliza; e 5) a nova norma é adotada por grupos vizinhos e sucessivos para quem o grupo B serve de grupo de referência. (LABOV, 2008, p. 60)

Labov (2008, p. 313) aponta que “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística”. Nesse ponto, fica claro como as gírias se configuram como variação sociocultural.

Exemplificação de algumas gírias já dicionarizadas

A partir das considerações iniciais e da exposição teórico-conceitual, demonstraremos alguns exemplos de gírias já dicionarizadas, a fim de comprovar que há uma espécie de migração de gírias de seu grupo social restrito para grupos sociais diversos, caracterizando possibilidades de mudança linguística, vindo o vocábulo gírio a ocupar a forma de linguagem informal.

Apresentamos, então, alguns exemplos de “gírias já dicionarizadas”, ou seja, verbetes registrados como linguagem informal em sua acepção no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), e não como vocábulo gírio, possibilitando o entendimento de um estágio de mudança linguística no qual a gíria restrita avançou em seu uso de maneira tal que está registrada como linguagem informal; em outros termos, perdeu sua marcação diastrática e diafásica.

É importante esclarecermos que a escolha do Dicionário Houaiss (2001) ocorreu em razão de o verbete *gíria*, neste dicionário, figurar, em sua primeira acepção, como “uma linguagem informal caracterizada por um vocabulário rico em idiomatismos metafóricos, jocosos, elípticos, ágeis e mais efêmeros que os da língua tradicional”, o que não ocorre, por exemplo, no Dicionário Aurélio (1999) que apresenta tal verbete, em sua primeira acepção, como “linguagem de malfeitores, malandros etc., com a qual procuram não ser entendidos pelas outras pessoas”, conforme já explicitado.

Contudo, cabe um aparte relativo ao dicionário e a sua representatividade para a língua. Biderman (2002, p. 86) coloca que “o dicionário constitui o resultado de uma infinidade de atos verbais que, na experiência social, desligaram-se de seus atores para passar a fazer parte do patrimônio cultural coletivo”. E acrescenta que ele “descreve o léxico em função de um modelo ideal de língua – a língua culta e escrita. Só circunstancialmente registra os padrões subcultos, ou desviantes da norma padrão, tais como os usos dialetais, populares, gíriáticos”. Nesse aspecto, é relevante observarmos que, na visão de Biderman (2002, p. 86), o dicionário “convalida e promove a linguagem aceita e valorizada em sua comunidade”.

Biderman (2002, p. 92) explicita que, na moderna lexicografia, qualquer obra de vulto deveria fundamentar-se em um *corpus* informatizado como fonte de referência na extração e seleção das entradas (lemas) dos dicionários. No entanto, esse não é o caso do Dicionário Houaiss, o que, de certa maneira, compromete o enfoque da gíria, numa perspectiva lexicográfica, uma vez que não proporciona efetivamente o grau de regularidade de uso e de inserção do termo na comunidade linguística, bem como sua recorrente utilização, de modo a caracterizar seu uso efetivamente em níveis dialetais pela comunidade em geral.

No entanto, como nossa coleta seguiu um padrão de uso pelas pessoas e pela mídia em geral, acreditamos ter feito uma seleção que tenha contemplado esse aspecto de

representatividade dos termos. Ainda assim, a opção de utilização do dicionário comum reside no objetivo de demonstrarmos como muitas gírias “caminhariam” atualmente em direção a um uso informal geral, ou seja, parece haver uma tendência de ampliação de uso de gírias para ambientes menos restritos, inclusive mais cultos.

Em relação à seleção das palavras a seguir, a escolha foi feita com base em pesquisas em dicionários de gírias, em observações em textos de jornais, de revistas, em programas de TV e na perspectiva de análise de que um vocábulo gírio surge como expressão de grupo altamente estigmatizado, passa a uma perda de sua característica de uso restrito, depois ao uso de gíria comum com um grau menor de estigma, em seguida não apresenta mais restrições de uso e, finalmente, insere-se no âmbito da língua comum/informal.

Ou, como afirma Preti,

perdida a sua condição de signo de grupo, elemento identificador, que faz parte do processo de auto-afirmação do falante no grupo social, a gíria se dilui na linguagem comum. A rigor, nessa etapa, na sua condição de vocabulário não marcado, a gíria poderia mesmo ser simplesmente classificada de *linguagem comum*. (PRETI, 2000, p. 67)

A seguir, as palavras selecionadas com seu verbete relativo à classificação como linguagem informal:

Abacaxi = “**3** (sXX) *fig. infrm.* trabalho complicado, difícil de ser feito; coisa intrincada; problema”. (p. 3)

Amarelar = “**4** *int. fig. infrm.* perder a coragem diante de uma situação difícil, perigosa, embaraçosa etc. <quando viu o facínora, amarelou>”. (p. 179)

Avião = “**2** *B infrm. hiperb.* mulher muito atraente **3** *B drg.* intermediário na compra e venda de drogas <largou a escola e virou a.>”. (p. 357)

Bafafá = “*B infrm.* **1** conflito entre muitas pessoas; rolo **2** desordem barulhenta; confusão”. (p. 375)

Baranga = “*B infrm. pej.* **1** de baixa qualidade; de pouco ou nenhum valor *p. ext. B infrm. pej.* Mulher feia, deselegante, mal-ajeitada”. (p. 398)

Barbeiro = “*B infrm.* **11** motorista ou qualquer profissional descuidado, imperito ou incompetente na realização de seu trabalho <eletricista b.> <o trânsito está cheio de barbeiros>”. (p. 401)

Boiar = “5 *B infrm.* não perceber ou não entender (algo) <*nessa eles boiaram*>”. (p. 477)

Bolado = “*B infrm.* 1 surpreso e confuso com determinada atitude ou reação de outrem <*ficou b. com o fora que levou*> 2 aborrecido, chateado, amolado <*ficou b. com a namorada por motivo bobo*> 3 sob efeito de tóxicos; doidão”. (p. 480)

Canhão = “5 *infrm.* pessoa, ger. do sexo feminino, extremamente feia; bruxa 8 FUTB *B* chute muito violento 9 *p.met.* FUTB *B* jogador que chuta muito forte”. (p. 599)

Duro = “12 *fig. B infrm.* sem dinheiro <*queria comprar um presente para a mãe, mas estava d.*> 20 indivíduo sem recursos; pobre <*um d. não pode casar*>”. (p. 1091)

Fajuto = “*B infrm.* 1 de má qualidade; 1.1 malfeito, mal executado, mal fabricado, arranjado defeituosamente <*tecido f.*> 2 pretensamente verdadeiro; falso, falsificado <*uísqe f.*> <*uma carteira de identidade f.*> 3 em quem não se pode confiar <*um sujeito f.*>”. (p. 1301)

Frouxo = “11 *B infrm.* que ou aquele que é covarde; medroso”. (p. 1395)

Galho = “5 *B infrm.* emprego ou ocupação subsidiária; biscate 6 *B infrm.* situação difícil; complicação <*há um g. que teremos que enfrentar*> 7 *B infrm.* falta de entendimento; confusão, briga <*aquele recado do vizinho provocou um g. danado*> 8 *B infrm.* relação extraconjugal <*há anos tem um g. com a secretária*>”. (p. 1419)

Gamar = “*B infrm.* ficar encantado, apaixonar-se, vidrar <*já nas primeiras páginas gamou pelo livro*> <*viu a garota e gamou no mesmo instante*>”. (p. 1423)

Garanhão = “2 *p.metf.* diz-se de homem muito dado a mulheres; femeeiro”. (p. 1427)

Garfada = “3 *B infrm.* furto, roubo <*o pênalti não existiu, foi uma tremenda g. do juiz*>”. (p. 1428)

Garganta = “4 *p.metf.pej.* a mentira, a bravata, a jactância de um fanfarrão <*disse que podia tudo, mas era tudo g.*> 12 *infrm.* diz-se de ou pessoa que conta vantagens, bravatas ou mentiras”. (p. 1429)

Girafa = “2 *p.ana. infrm.* indivíduo alto e/ou de pescoço comprido”. (p. 1453)

Gringo = “1 *B infrm. pej.* indivíduo estrangeiro, esp. quando louro ou ruivo, diferente do padrão mais encontrado no país”. (p. 1484)

Judas = “1 *p.metf.* indivíduo que trai a confiança de outrem; traidor”. (p. 1688)

Lelé = “*B CAB infrm.* que ou aquele que age insensatamente, apresentando sinais de loucura; doido, biruta, maluco”. (p. 1739)

Muambeiro = “(1899 cf. CF) *B infirm.* **1** indivíduo que, por profissão ou para equilibrar suas finanças, se dedica ao comércio de bens, contrabandeados ou não, sem pagar impostos **1.1** aquele que faz ou passa muamba **2** aquele que espolia por meio de fraude; trapaceiro (subst.), tratante (subst.) USO por volta de 1990, a pal. vem caindo em obsolescência (exceto no sentido estrito de ‘contrabandista’), preterida por *sacoleiro*”. (p. 1971)

Muquirana = “**3** *SP infirm.* que ou aquele que se mostra sovina; avarento, mesquinho”. (p. 1981)

Nanico = “(1836 cf. SC) **1** que ou aquele que tem a aparência, a estatura de um anão **3** *infirm.* pequeno, de pouca expressão <*empresa n.*>”. (p. 1993)

Natureba = “(c1985) *B infirm.* diz-se de ou praticante ou defensor da alimentação natural ETIM *naturista* + *eba*, com troca de suf., com valor depreciativo”. (p. 1998)

O.K. = “**1** expressa aprovação, assentimento, concordância; sim, certamente **2** bom, justo, apropriado <*o médico disse que ele está o.k. agora*> <*ele foi o.k. com você*> <*essa roupa está o.k. para a festa*>”. (p. 2056)

Otário = “(sXX cf. AGC) *B infirm.* diz-se de ou indivíduo ingênuo, tolo, inexperiente”. (p. 2090)

Parasita = “**2** *pej.* diz-se de ou indivíduo que vive a custa alheia por pura exploração ou preguiça” (p. 2131)

Patavina = “(1858 cf. MS) coisa alguma; nada <*não aprendi p. do que você disse*>”. (p. 2148)

Pato = “**3** *infirm.* indivíduo tolo, parvo”. (p. 2149)

Penetra = “(1881 cf. CA) **3** *B infirm.* que ou aquele que, sem ser convidado ou possuir ingresso, entra em festas, reuniões, teatros etc.”. (p. 2176)

Pirralho = “(1899 cf. CF) menino, guri, criança ETIM orig.obsc.”. (p. 2226)

Porre = “(sXX cf. AGC) *B infirm.* **1** estado de bêbado; bebedeira, embriaguez <*não é doença, aquilo é p. na certa*> **2** *p.ext.* aquilo que é tedioso (pessoa, coisa ou acontecimento) <*o tio dela é um p.*> <*a festa estava um p.*>”. (p. 2265)

Quadrado = “**18** *fig. B infirm.* diz-se de ou pessoa antiquada no pensar, retrógrada, de mentalidade pouco evoluída”. (p. 2342)

Sacoleiro = “*B infm.* diz-se de ou pessoa que se dedica à venda domiciliar ou em locais de trabalho de mercadorias ger. populares, como roupas, bijuterias e produtos eletrônicos <comerciante s.> <proibiram a entrada dos s. na repartição>”. (p. 2493)

Trouxa = “9 que ou quem é facilmente iludido ou ludibriado; tolo”. (p. 2778)

Xereta = “(sXX cf. AGC) *B infm. pej.* 1 que ou quem participa de forma invasiva ou inadequada na vida alheia ou em assuntos particulares; bisbilhoteiro, intrometido”. (p. 2895)

Xilindró = “(1881 cf. CA) *B infm.* m.q. CADEIA ETIM orig.obsc.” (p. 2896)

Os exemplos selecionados, que figuram no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) e que são, comumente ouvidos/falados pelos usuários da nossa língua nas diversas regiões brasileiras, bem como propagados por meios de comunicação (FUSARO, 2001), corroboram nossa tese de que é a comunidade linguística que legitima a validade de uso, de variação e de possíveis mudanças em nosso léxico, que elevam ao *status* de linguagem comum uma gíria.

Nesse ponto, cumpre esclarecermos que todos os vocábulos selecionados, até onde os registros apontam, tiveram sua entrada na língua, via uso como gíria, passando ao uso como linguagem comum, em um processo de mudança linguística caracterizado, utilizando os termos de Weinreich, Labov e Herzog (2006), como meios alternativos de dizer “a mesma coisa”, em um processo no qual estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala.

Isso denota que a passagem de grupo restrito ao uso informal/comum/familiar demonstra que sua dicionarização como linguagem informal ratifica uma alteração por parte dos usuários em suas escolhas/seleções linguísticas, o que contribui para a ampliação do nosso léxico. Ou seja, os exemplos dicionarizados expostos encaminham para uma perspectiva na qual a forma culta correspondente coocorre com a gíria, agora não mais restrita, sob a forma de linguagem informal/comum/familiar.

Vale frisarmos, também, que a gíria, como salienta Trask (2004), é uma forma linguística informal, sua adoção pela comunidade linguística pressupõe sua passagem de língua restrita à língua comum, disseminando-se entre os usuários da língua, com aceitação por essa comunidade, resultando em uso geral e irrestrito como linguagem informal/comum/familiar, o que corrobora a noção de Preti (2006) de que a gíria se

incorporou a algumas variedades de registros e dialetos sociais, podendo inclusive ser utilizada por falantes cultos.

Nesse aspecto, é relevante observarmos que uma gíria é expressão de grupo, normalmente com alto grau de estigmatização, que pode perder sua característica de uso restrito, passando ao uso comum com menor estigmatização. Em razão desse processo, como nos exemplos constantes do Dicionário Houaiss, uma gíria pode inserir-se no âmbito da língua informal/comum/familiar e, a partir do aceite da comunidade linguística, já classificada como linguagem comum, passar até a um uso mais formal, chegando mesmo a figurar como uso culto.

Preti (1989) relata que o uso constante e crescente da gíria na linguagem urbana demonstra como esse vocabulário de origem e marca popular transita livremente pelos contextos cultos, sendo, muitas vezes, bem aceito. Isso pode comprovar que a gíria, ao passar de um uso restrito para um uso informal, não terá sempre necessariamente um uso informal, ou como observa Preti (1989, p. 163), “a crescente aceitação dos vocábulos gírios acaba por enfraquecer gradativamente a resistência natural dos falantes cultos em empregá-los em situações mais formais da linguagem falada ou escrita”.

Dessa maneira, a aceitação de linguagem informal assumida por alguns vocábulos gírios denota seu aceite pela comunidade linguística em geral e aponta para um uso por pessoas caracterizadas como cultas, com escolaridade alta, revelando uma possibilidade de utilização, até mesmo na norma culta, desses termos antes considerados de uso restrito.

Considerações finais

Podemos compreender que todas as expressões que fazem parte do cotidiano de um grupo, de um povo, de uma determinada região ou de um grupo social consistem em algo importante para a cultura, nos estilos destes indivíduos que as assimilam gradativamente durante sua vida, constituindo falares bem peculiares aos grupos dos quais fazem parte.

Nessa perspectiva, conforme nos assevera Preti (2006, p. 255), “é preciso sempre ter em mente que as transformações linguísticas, mesmo no caso do léxico, estão sujeitas ao fenômeno do *prestígio social da linguagem*”. Assim, a língua deve ser considerada como um fenômeno sociocultural, em que existe uma grande variedade de raças e culturas que se misturam difundindo seus valores e tradições, isto é, os indivíduos, independente de sua

região ou classe social, fazem o uso de uma linguagem própria do grupo que possibilita as relações entre eles.

Nesse ponto, Travaglia (2003) destaca que a língua não é algo rígido, mas algo que se modifica com o passar do tempo. No caso da gíria, Terra (2001) reitera que ela, por ser uma variante da língua, também sofre evolução, já que constantemente surgem novas gírias e outras desaparecem. Para os dois autores, o fato de surgirem novas gírias e, ao mesmo tempo, outras desaparecem ocorre numa relação própria de sobrevivência da língua, atestada pelos próprios usuários, principalmente quando as adotam para o uso informal, fazendo-as migrar do uso restrito inicial.

Silva e Moura (2000) estabelecem que

a variação é inerente às línguas, porque as sociedades são divididas em grupos: há os mais jovens e os mais velhos, os que habitam numa região ou outra, os que têm esta ou aquela profissão, os que são de uma ou outra classe social e assim por diante. O uso de determinada variedade linguística serve para marcar a inclusão num desses grupos, dá uma identidade para seus membros. (SILVA E MOURA, 2000, p. 27-8)

Desse modo, é necessário que o entendimento das diferenças linguísticas, bem como o respeito a elas, exista, incluindo-se a gíria, historicamente tão discriminada como meio de linguagem, ou seja, que variações na língua não sofram preconceitos quando de sua implementação pelos usuários, uma vez que elas desempenham papel fundamental para mudanças na língua e constante renovação tanto nos aspectos fonomorfo-sintáticos quanto nos léxico-semânticos, e as gírias desempenham importante papel nesse processo.

É importante indicarmos que a temática carece de mais pesquisas, a fim de se obter um panorama mais efetivo da circulação das gírias no Português Brasileiro e de seu processo de variação e de mudança, passando, muitas vezes, ao *status* de língua comum, podendo chegar até ao uso formal-culto, como salientamos neste artigo; no entanto, como observa Preti (2006), os pesquisadores, em particular os linguistas, não têm tido um interesse maior pelo estudo da gíria.

Por fim, reiteramos a posição de Preti (2006), que aponta ser “hoje, o maior desafio dos pesquisadores do assunto” a gíria comum, isto é, a descaracterização do signo grupal e a consequente dispersão desses vocábulos na linguagem comum, tendo seus verbetes, conforme explicitamos, referidos em dicionários, como o Houaiss, com a acepção de linguagem informal. Preti (2006, p. 246) também coloca que “alguns linguistas mais ortodoxos chegam a

negar a esses vocábulos, nesse estágio, a própria condição de gíria, preferindo aceitá-los como vocábulos comuns”.

Referências bibliográficas

ALKMIN, T. Sociolinguística — Parte I. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1. p. 21-47

BIDERMAN, M. T. C. **Análise de dois dicionários gerais do Português Brasileiro contemporâneo**: o Aurélio e o Houaiss. *Filologia e Linguística Portuguesa*. n. 5. p. 85-116, 2002.

CAMACHO, R. G. O formal e o funcional na teoria variacionista. In: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (org.) **Português brasileiro**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 55-65.

DUBOIS, J. (org.) **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973. 653p.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128p.

FUSARO, K. **Gírias de todas as tribos**. São Paulo: Editora Panda, 2001. 157p.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922p.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 391p.

MATTOS E SILVA, R. V. Variação, mudança e norma: movimentos no interior do português brasileiro. In: BAGNO, M. **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 291-316

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. 168p.

MATTOSO CAMARA JR, J. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986. 262p.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-14.

PRETI, D. **A gíria e outros temas**. São Paulo: Edusp, 1984. 150p.

PRETI, D. Norma e variedades lexicais urbanas. In: CASTILHO, A. T. de (org.) **Português culto falado no Brasil**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1989. p. 157-168.

PRETI, D. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, D. (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. v. 4, p. 241-255.

PRETI, D. **Dicionários de gíria**. São Paulo: Alfa, 2000, n. 44, p. 57-73.

SILVA, F. da e MOURA, H. M. de M. **O direito à fala**: a questão do preconceito linguístico. Florianópolis/SC: Insular, 2000. 128p.

TERRA, E. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 1997. 86p.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004. 368p.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2003. 245p.

WEINREICH, U.; LABOV, W. e HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 151p.